



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrochino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

MAIS PERTO DA CONCLUSÃO: NOVO PONTO DA SITUAÇÃO DA PROSPECÇÃO E INVENTÁRIO DA ARTE RUPESTRE DO CÔA

Mário Reis¹

RESUMO

A região da arte do Côa acumula mais de 30 anos de investigação científica e prospecção arqueológica, reflectidas, entre outros aspectos, no avolumar de descobertas de arte rupestre. Este texto pretende divulgar uma nova síntese da prospecção e inventário da arte do Côa, quantificando os achados dentro da sua longa diacronia. Por um lado, pretende-se actualizar a informação. Por outro, pretende-se também antecipar um próximo e ambicioso projecto de prospecção de arte rupestre na região, o qual, não sendo final, como nunca pode ser, tem a intenção de trazer os dados do inventário para níveis muito mais completos, em termos quantitativos e também na área prospectada dentro da região.

Palavras-chave: Arte rupestre; Região do Côa; Prospecção; Inventário.

ABSTRACT

The Côa art region sums up more than 30 years of scientific research and archaeological survey, reflected, among other aspects, in the vastly growing numbers of rock art discoveries. This text aims to divulge a new synthesis of the survey and inventory of the Côa rock art, quantifying the findings within its long diachrony. On one hand, we intend to update the information. On the other, we also intend to anticipate a forthcoming and ambitious project of rock art survey in the region, which, not being final, as it may never be, aims to bring the inventory data to far more complete levels, in quantitative terms and also in the surveyed area within the region.

Keywords: Rock art; Côa region; Survey; Inventory.

1. INTRODUÇÃO

Desde a sua dramática revelação ao público em finais de 1994 que a arte do Côa não tem cessado de evoluir nos dados do seu inventário, numa tendência que se mantém ainda hoje. Diversos inventários e pontos de situação têm sido publicados, variando entre os que pretendem abarcar a totalidade das rochas conhecidas e toda a diacronia da arte do Côa (Baptista & Gomes, 1997; Baptista, 1999; Baptista, 2009; Baptista & Diez, 2002; Baptista & Reis, 2008; Reis, 2011; 2012; 2013; 2014; 2015), ou os que se concentram em períodos específicos ou se limitam a determinados conjuntos de rochas ou outros registos sobre os quais existe maior informação (Luís, 2023; Reis, 2021; Reis & Alves, 2023; Santos, 2017; 2023;

Santos & *alii*, 2018). Naturalmente, à medida que a informação sobre a arte rupestre vai crescendo e aprimorando, os inventários vão crescentemente ganhando maior abrangência e complexidade, passando das simples listagens de sítios e cronologias das respectivas rochas decoradas para inventários descritivos mais complexos e, nos últimos tempos, disponibilizando informação cada vez mais completa sobre os motivos da arte do Côa, ainda que, normalmente, limitados a determinados períodos cronológicos (Luís, 2023; Reis, 2021; Santos, 2023).

O presente ponto da situação do inventário da arte do Côa surge da conjugação de dois factores. Por um lado, a constatação de que o último inventário mais abrangente, isto é, sobre toda a diacronia da arte do Côa, já atingiu a dezena de anos (Reis, 2012; 2013;

1. Fundação Côa Parque / marioreis@arte-coa.pt

2014), sendo hoje francamente insuficiente face ao avanço do conhecimento e não fornecendo informação quantitativa sobre a iconografia, hoje já disponível. Por outro lado, este texto é escrito na véspera do início de um projecto de investigação que pretende dar um grande salto, quantitativo e qualitativo, na prospecção da arte do Côa, que terá óbvios reflexos no seu inventário. Assim pretende-se lançar a publicação a informação actualmente existente, até Junho de 2023, mostrando a realidade existente antes do início do referido projecto, de uma forma mais completa e abrangente no tocante a dados quantitativos do que tem sido habitual.

2. DADOS GERAIS DO INVENTÁRIO

Na Figura 1 mostra-se uma cartografia adaptada e simplificada da região da arte do Côa, com a distribuição de todos os 98 sítios com arte rupestre presentemente inventariados. Por sua vez, na Tabela 1 apresenta-se o quadro geral do inventário da arte do Côa, discriminando-se a quantidade de registos por sítio, no total e por cronologia, acompanhados das respectivas quantidade de figuras actualmente inventariadas. Assim, no total, estamos muito perto da centena de sítios de arte rupestre na região do Côa, que acumulam mais de 1400 registos, quase atingindo os 15.000 motivos inventariados.

Continua-se a utilizar a expressão “registo” para designar genericamente os suportes pétreos da arte rupestre no Côa, reservando a mais habitual expressão “rocha” para aqueles registos que, efectivamente, são afloramentos rochosos. A razão é simples: embora a arte do Côa tenha sido esmagadoramente realizada em superfícies de afloramentos, existe um conjunto, qualitativamente importante e quantitativamente não negligenciável, de manifestações rupestres noutros suportes pétreos. Na Tabela 2 apresenta-se uma listagem sumária desses outros registos, que incluem arte móvel, diversos blocos com gravuras (soltos ou inseridos em estruturas), e até um conjunto de estatuária pré-histórica, no sítio do Cruzeiro Velho. Ao todo, dos 1409 registos actualmente inventariados da arte do Côa, 32 correspondem a estes “outros registos”. Note-se, como critério de inventariação, que um determinado conjunto localizado de determinados “outros” suportes pétreos é agrupado num só registo, independentemente da quantidade de manifestações que apresenta. Assim, como exemplo, todo o conjunto de dezenas de peças

de arte móvel do Fariseu é englobado num só registo, o mesmo acontecendo às três peças escultóricas do Cruzeiro Velho. O sítio da Casa Velha é um antigo colmeal em cuja estrutura se incorporam duas pedras decoradas, uma moderna e outra (provavelmente) pré-histórica, mas sendo agrupadas igualmente num só registo.

De resto, a imensa maioria dos registos da arte do Côa corresponde a “rochas”, num total de 1377. Uma vez que a região do Côa tem uma apreciável diversidade geológica, a Tabela 3 mostra a sua diferenciação geológica, separando-se as rochas em xisto dentro das diferentes Formações geológicas em que surgem, uma vez que estas têm alguma importância no tocante à distribuição da arte do Côa. O mesmo poderia ser feito no tocante ao granito e ao quartzo, que não são uniformes dentro da região mas, de momento, não foi possível detectar alguma relação entre a distribuição de arte rupestre e diferentes Formações destas geologias, razão pela qual não são discriminadas.

Voltando à Tabela 1, apresenta-se aqui pela primeira vez, uma quantificação dos motivos da arte do Côa, no total, por sítio, e por período cronológico. A obtenção destes dados é feita a partir de diversas fontes, recorrendo-se aos levantamentos gráficos existentes e, em particular, aos levantamentos fotográficos, que nesta altura já existem para todas as rochas às quais é possível aceder (como se verá, há um lote importante de rochas decoradas submersas e inacessíveis na albufeira da barragem do Pocinho). Nunca é demais lembrar que os números aqui apresentados não devem ser tomados como definitivos. Em primeiro lugar, como é evidente, porque a prospecção está longe de estar terminada e os números irão aumentar com novas descobertas. Mas também porque os critérios de inventariação não são uniformes e podem variar entre diferentes investigadores, em particular com certo tipo de representações pouco evidentes, cuja inventariação individual seja duvidosa, como acontece, por exemplo, com feixes de traços, particularmente abundantes no Paleolítico Superior. Podem ser evidentes e de inventariação imediata, mas podem também ser duvidosos, e a sua inventariação depende dos critérios, incluindo se devem ou não ser apartados como motivos. Por outro lado, mesmo quando a inventariação de uma determinada figura não oferece dúvida (a representação de um animal, por exemplo), a sua classificação pode não ser unívoca, seja na atribuição crono-

lógica, seja na interpretação tipológica (nas fases finais do Paleolítico Superior, por exemplo, não é sempre fácil distinguir as espécies representadas, o mesmo acontecendo com uma parte muito substancial das figuras zoomórficas da Idade do Ferro), sendo normal que haja evolução e mudanças de opinião na classificação de certas figuras. Ou seja, o inventário iconográfico é dinâmico e sujeito a alterações, consoante novas descobertas, novos critérios ou novas interpretações.

Refira-se também, no tocante à cronologia indeterminada, que o critério adoptado tem sido o de a utilizar o menos possível e, mesmo com dúvidas, procurar atribuir uma determinada figura ou conjunto gravado a alguma tipologia e momento cronológico. Assim, a classificação de indeterminado reserva-se para os casos mesmo difíceis (menos frequentes), e não para os meramente duvidosos (muito mais abundantes). Isto influi na evolução do inventário, à medida que o estudo mais cuidadoso de determinadas figuras pode melhorar a sua classificação (tipológica e/ou cronológica), levando amiúde à sua alteração. Note-se também que um determinado registo só é classificado como de cronologia indeterminada se toda a sua decoração o for, sendo suficiente um só motivo cronologicamente classificável para lhe atribuir essa mesma cronologia, independentemente da indeterminação da restante decoração.

Um último factor que influi fortemente no inventário da arte do Côa é a existência da barragem do Pocinho, no Douro, e a submersão pela sua albufeira de áreas muito importantes para a distribuição da arte rupestre, no troço final do rio Côa e ao longo do rio Douro para ambos os lados da foz do Côa, a qual se pode considerar o ponto central da distribuição geral da arte do Côa. Conhecem-se, presentemente, 93 rochas decoradas da arte do Côa afectadas pela albufeira do Pocinho, das quais 16 estão parcialmente submersas, sobre o actual nível de água, e as restantes se encontram integralmente submersas. Tirando algumas raras descobertas mais recentes aproveitando rebaixamentos pontuais do nível da albufeira (com destaque para o sítio da Foz do Côa), quase todas estas rochas foram identificadas nos momentos iniciais de estudo da arte do Côa, nomeadamente as situadas em três dos sítios mais intensamente estudados com o nível da água inteiramente rebaixado – Vale da Casa (Baptista, 1983), e Canada do Inferno e Rêgo da Vide (Baptista & Gomes, 1997), que acumulam 64 registos afectados pela albufeira. Por ou-

tro lado, estes 93 registos distribuem-se por apenas 13 dos 98 sítios da arte do Côa, 53 dos quais sofrem algum tipo de afectação pela albufeira do Pocinho. Ou seja, há um imenso e evidente potencial para a existência de muitas rochas ainda desconhecidas submersas na albufeira da barragem do Pocinho, cuja identificação só futuramente poderá ocorrer e que terá, seguramente, grande impacto, não só no inventário mas também no nível de conhecimento sobre a arte do Côa. A Tabela 4 mostra a relação dos registos afectados pela barragem, nos sítios em que se conhecem. Como nota final, e no tocante ao sítio da Foz do Côa, é importante referir que há dúvidas sobre a localização de seis rochas com gravuras modernas, descobertas no decurso dos trabalhos no sítio do Vale da Casa (Baptista, 1983), tradicionalmente colocadas na Foz do Côa (Baptista & Gomes, 1997; Reis, 2012), mas que poderão eventualmente encontrar-se para jusante, nomeadamente nos sítios da Vermelha ou do Vale de José Esteves, algo que apenas a sua futura realocação poderá esclarecer.

3. PALEOLÍTICO SUPERIOR

O Paleolítico Superior é o mais intensamente estudado dos quatro grandes períodos cronológicos da arte do Côa. Na Tabela 1, e tal como para os restantes períodos, é possível ver a relação dos registos e motivos inventariados em cada sítio, assim como o seu total. Este corresponde a 636 registos de arte rupestre distribuídos por 61 diferentes sítios, onde se distinguem 4621 figuras de diversos tipos, que serão discriminadas na Tabela 5. A imensa maioria destas figuras são gravadas, com recurso a diferentes técnicas (cf. Santos, 2023, pp. 62-68), sendo o recurso à pintura absolutamente minoritário e nem sempre de interpretação ou atribuição cronológica inequívoca (Alves, Martins & Reis, 2023 - neste volume).

No tocante ao faseamento da arte paleolítica do Côa, irei seguir o faseamento tripartido inicialmente proposto por André Santos (2012), com a Fase 1 a corresponder ao Gravettense e Solutrense Inicial e Médio, a Fase 2 a iniciar-se no Solutrense Médio/Final e a prolongar-se por todo o Magdalenense, e a Fase 3 a corresponder ao final do Paleolítico Superior, no término do Pleistoceno e a entrar já no início do Holoceno (um período conhecido por múltiplas designações: Magdalenense Final, Estilo V, Azilense, Tardiglaciário, entre outras, aqui adoptando-se preferencialmente a designação “Tardiglaciário”). Não irei

adoptar o faseamento quadripartido recentemente proposto pelo mesmo autor (ver, por exemplo, Santos, 2023), em que a anterior Fase 2 é dividida em duas e a Fase 3 passa a Fase 4. Não se trata propriamente de divergências profundas sobre a evolução que é proposta, mas antes a consideração de que a proposta de separação da Fase 2 em duas se baseia essencialmente numa evolução estilística, na qual a principal característica estilística do período Solutro-Magdalenense se mantém (a tendência para o máximo naturalismo das representações zoomórficas), e sem alterações de monta nas restantes características da arte rupestre que definem uma fase, nomeadamente na distribuição territorial das rochas, na sua implantação e relação com a paisagem, nas temáticas escolhidas e respectiva relação quantitativa, nas características gerais das figuras antropomórficas, entre outros factores. Ou seja, do ponto de vista estilístico, as figuras mantêm as características essenciais ao longo de toda a vigência da Fase 2 como inicialmente proposta, e as restantes características de Fase também pouco evoluem, pelo que não parece importante mudar o faseamento, independentemente das evoluções estilísticas detectadas, expectáveis em períodos temporais longos.

Foram recentemente publicados inventários de figuras paleolíticas da totalidade da região do Côa (Reis, 2021; Santos, 2023). O presente inventário, na Tabela 5, abrange mais registos, sendo assim mais completo, e inclui uma contabilidade de signos, embora não a sua discriminação tipológica, para a qual falta espaço neste texto (ver, no entanto, Santos, 2017). Naturalmente, a atribuição dos signos a uma determinada fase dentro do Paleolítico é frequentemente hipotética, dependendo sobretudo do seu contexto. Para além deste crescendo quantitativo no inventário, há sempre pequenas mudanças a ter em conta, pouco significativas no contexto geral, e que dependem sobretudo de algumas diferenças interpretativas, sobre a tipologia ou o faseamento de algumas figuras. A principal diferença tem a ver com classificação de algumas figuras da arte do Côa, sobre as quais há a dúvida se pertencem à fase final do Paleolítico Superior (cf. Santos, 2023, p. 106), ou se devem ser já consideradas pós-paleolíticas, como no caso do presente texto (cf. Alves, Martins & Reis, 2023 – neste volume; Alves & Reis, no prelo), e que são discriminadas na Tabela 6, sob a designação de Arte Subnaturalista.

No tocante à Tabela 5, e para além da normal inclu-

são das típicas figuras paleolíticas (diferentes tipos de animais, antropomorfos e signos), esta inclui também uma rara categoria iconográfica, diferente das restantes categorias, e que se pode designar por “Entidade física”, presente em apenas cinco rochas na região, com ampla diversidade representativa e quase sempre de interpretação difícil, que inclui possíveis roupas em dois antropomorfos da rocha 24 da Ribeira de Piscos, várias lanças na rocha 13 do Vale de José Esteves e mais uma na rocha 1 da Vermelha, uma “linha de solo” na rocha 5 de Vale de Cabrões (Baptista, 1999, p. 131), e uma linha oval fechada que rodeia três peixes na rocha 3 da Canada do Arroba, que se pode interpretar como armadilha de pesca ou, em alternativa, como a delimitação do troço de água onde se encontram os peixes. Como observação final, a categoria “Cervídeos” refere-se, em esmagadora maioria, a representações da espécie *Cervus elaphus*, mas distinguem-se algumas incertas representações de outras espécies de cervídeos, que pela raridade merecem ser mencionadas: três renas (*Rangifer tarandus*), todas da Fase 2, das quais duas na rocha 69 da Foz do Côa e uma na rocha 2 da Quinta das Tulhas, e um eventual gamo (*Dama dama*), ou então também uma rena, na rocha 20 da Canada do Inferno, inventariado na Fase 3 mas que poderá eventualmente ser mais antigo.

4. PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

Por arte da Pré-história Recente, entende-se toda a manifestação artística posterior ao Paleolítico Superior e anterior à Idade do Ferro. Na Tabela 6 apresenta-se um inventário dos motivos actualmente inventariados, que amontam a 1575 manifestações, distribuídas por 99 registos em 35 sítios, no que é o mais pequeno conjunto decorado dentro dos quatro grandes períodos da arte do Côa, em quantidade e na distribuição territorial, embora com tendência crescente nos últimos tempos.

Este grande conjunto iconográfico pode dividir-se em três grandes grupos. O primeiro é o da Arte Subnaturalista, entendida como a manifestação artística e simbólica das comunidades de caçadores-recolectores que sucedem às paleolíticas e antecedem as neolíticas (correspondendo assim aos períodos culturais habitualmente designados por Epipaleolítico ou Mesolítico, fases ainda insuficientemente caracterizadas do ponto de vista ocupacional na região do Côa). Um segundo grupo corresponde à Arte Esque-

mática, cuja vigência cronológica se deverá situar, aproximadamente, entre os V/IV e o III milénio a.C., correspondendo à arte das comunidades que adoptaram (ou se encontram em processo de adopção) uma economia produtora, baseada na pastorícia e agricultura, e com uma cultura material que diverge consideravelmente da anterior, nomeadamente pela introdução da cerâmica. Um terceiro grupo refere-se às manifestações indeterminadas ou não enquadradas nas duas fases anteriores.

Em todos estes três grupos iconográficos, a técnica utilizada é importante, nomeadamente na dicotomia entre pintura e gravura, sendo aliás a Pré-história Recente o único período da arte do Côa em que a pintura assume relevância. A Tabela 6 tem em conta esta dicotomia. Por outro lado, estando em curso um projecto de investigação que tem por alvo a arte da Pré-história Recente no vale do Côa, com relevo para as fases Subnaturalista e Esquemática, com ênfase na pintura mas sem negligenciar a gravura (ver Alves, Martins & Reis, 2023 – neste volume; Alves & Reis, no prelo), é de esperar em breve relevantes aumentos e actualizações no inventário da iconografia pré-histórica holocénica, que se irão reflectir nos números agora avançados nas Tabelas 1 e 6.

Por fim, olhando de novo para a Tabela 6, é fácil ver a importância quantitativa assumida por duas categorias muito particulares de gravuras – covinhas por um lado e, por outro, as gravuras lineares mais comumente conhecidas por “unhadas do diabo”. Em conjunto, e inventariando isoladamente cada covinha e cada gravura linear profundamente abrida, atingem neste momento 817 manifestações, ligeiramente acima de metade do total de motivos inventariados na Pré-história Recente. Apesar da abundância, não se pode dizer que tenham uma distribuição extremamente alargada na região – as covinhas atribuídas à pré-história recente surgem em 31 registos distribuídos por 11 sítios, enquanto as unhadas do diabo aparecem em 15 registos em apenas 7 sítios. São o tipo de manifestação gráfica que facilmente atinge números avultados numa só superfície rochosa, como acontece com as muitas dezenas de exemplares de unhadas nas rochas 3 de Vale de Figueira e 3 do Vale da Casa, por exemplo, ou das várias dezenas de covinhas na rocha 1 do Ponto da Serra, ou em algumas das rochas dos Tambores. No caso das covinhas, a sua atribuição à Pré-história Recente é feita em termos contextuais, sobretudo pela sua associação mais ou menos directa a sítios

com ocupação pré-histórica, como acontece nos sítios do Texugo, Barrocal dos Lameiros, Fumo ou Tambores, entre outros (cf. Cardoso & *alii*, 2021), e distinguindo-se de algumas covinhas de cronologia indeterminada (33 covinhas em três registos, sem contexto claro) ou que surgem em contextos históricos (ver Tabela 9). No caso das gravuras lineares tipo unhada, a sua atribuição cronológica é ainda mais complexa, dependendo igualmente de factores contextuais, mas menos de associação a sítios com ocupação, excepto na sua distinção dos afiadores modernos, esses sim associados invariavelmente a moinhos de água (ver Tabela 9). Analisando os diferentes contextos possíveis, incluindo a proximidade destas gravuras a outros tipos de arte rupestre e as poucas sobreposições que ocorrem, pode-se colocar a hipótese do fenómeno das unhadas do diabo, na bacia do Douro Superior no Nordeste de Portugal, ter uma diacronia longa, abrangendo todo o Holoceno pré-histórico (Reis & Marcos, em preparação). O seu início poderá remontar aos momentos finais do Paleolítico Superior, no Tardiglacial, e prolongar-se (ininterruptamente?) até à Idade do Ferro, com evidências de algumas destas gravuras a sobrepor-se a típicos motivos sidéricos. Isso está em parte reflectido na Tabela 6, com a inclusão na contabilidade de 16 unhadas de três rochas da região do Côa (rochas 8 e 30 da Bulha e rocha 17 do Vale de João Esquerdo), integradas na Idade do Ferro pela conjugação do seu contexto imediato, incluindo sobreposições, com figuras deste período.

5. IDADE DO FERRO

Não é o período artístico com a distribuição mais alargada da arte do Côa, estando presente em menos sítios (53) e em menos registos (565) do que a arte do Paleolítico Superior. Mas é o período com a maior quantidade de motivos inventariados (6069), já a considerável distância da contabilidade feita para o Paleolítico Superior, num fosso que tem aumentado com as novas descobertas dos últimos anos. A distribuição dos sítios é também algo divergente da dos restantes períodos, sendo o único período em que o Douro assume predominância distributiva face ao troço final do Côa, com o centro da distribuição a localizar-se claramente na foz do Côa, em torno da qual se encontra a maioria dos sítios mais importantes. A iconografia gravada da Idade do Ferro do Côa assume, em geral, um aspecto visual muito típico, que

se relaciona com o estilo, com a técnica e o tipo de traço, e uma certa “inépcia” no desenho das figuras que, com muitas variantes, lhes confere uma plasticidade muito própria e facilmente reconhecível. Isso faz que, em regra, as figuras deste período sejam fáceis de classificar cronologicamente. Mas também ocasiona uma dificuldade, por vezes, desconcertante, de as classificar tipologicamente. Os exemplos mais evidentes surgem com as muitas figuras de quadrúpedes. Normalmente, a sua classificação como quadrúpedes é evidente (corpo, cabeça, quatro patas...), mas a distinção da espécie é, amiúde, problemática e sujeita a interpretações divergentes. O mesmo se pode passar com outras tipologias figurativas. Assim, se na Tabela 7 os números apresentados devem andar bastante perto da realidade, já na Tabela 8 é natural que possam flutuar consoante os investigadores e a evolução do inventário.

As Tabelas 7 e 8 apresentam os números do inventário figurativo da Idade do Ferro, na Tabela 7 com as diferentes categorias figurativas, na Tabela 8 com as principais divisões dentro das tipologicamente mais diversas destas categorias, nomeadamente figuras antropomórficas e zoomórficas, armas e motivos abstractos. Note-se, na Tabela 7, a apreciável quantidade de inscrições, que se vem juntar à única que era conhecida no Vale da Casa. Frequentemente de classificação duvidosa, já se conhece, no entanto, uma quantidade suficiente de inscrições sidéricas inequívocas para afirmar que no Côa, como noutras zonas peninsulares, a escrita estava a ganhar peso na sociedade.

Por cavaleiro entende-se uma figura humana montada, e por guerreiro entende-se uma figura humana com armas. Note-se que a mera associação espacial de uma figura humana a um cavalo ou a uma arma não o transforma, do ponto de vista do inventário, num cavaleiro ou num guerreiro. Uma coisa são as categorias de inventário, outra são as interpretações iconográficas. Similarmente, um orante entende-se como uma figura humana apeada, desarmada e de braços levantados ao alto. Neste caso, a designação “orante” é entendida como categoria de inventário, designativa de um determinado tipo de figura suficientemente importante para ser apartada, mas com prudência no tocante à interpretação. Podem ou não ser figuras em atitude de oração, interpretação plausível em vários casos, mas não necessariamente em todos (existem, aliás, guerreiros e cavaleiros com atitude corporal semelhante).

No tocante aos animais, cavalos, cervídeos e canídeos são as três principais categorias, os javalis têm alguma importância, e outros animais são bastante raros, nos quais se incluem algumas aves, um único peixe, raros serpentiformes, e alguns ocasionais e sempre duvidosos bovinos, felinos e até ursos.

A complexidade dos motivos abstractos é muito superior à que é mostrada na Tabela 8, limitada por razões de espaço. Os motivos simples referem-se a abundantes formas estereotipadas, quase sempre lineares, como zigzagues ou meandros, mas incluindo também conjuntos de traços paralelos, omnipresentes na região. Os motivos geométricos referem-se a formas tendencialmente geometrizadas (raramente perfeitas), de enorme variedade, como círculos, ovais, losangos, triângulos, rectângulos ou quadrados, formas trapezoidais diversas, espirais, entre outras. Quase sempre com o que se pode chamar de decoração interna (que se pode prolongar para o exterior da forma geométrica básica), esta variedade decorativa é imensa, e sugere que os significados destas figuras possam variar mesmo nas formas similares. Na categoria “Outros” entra igualmente uma imensa parafernália de formas, de difícil classificação tipológica e formal, variando entre formas simples e outras de elevada complexidade, mas evidenciando, com as restantes figuras abstractas, que estas figuras são essenciais para a compreensão da arte sidérica do Côa, bem mais intrincada nos seus possíveis significados do que o que parece à primeira vista.

Refira-se ainda, no tocante a figuras compostas, que o critério de contagem é sempre a separação nos seus componentes. Por exemplo, as categorias “cavaleiro” e “guerreiro”, por definição, correspondem a motivos compostos, com um mínimo de duas figuras a entrar no inventário em cada caso – antropomorfo + cavalo, ou antropomorfo + arma. Mas a contagem pode, em muitos casos, ser mais abrangente, dependendo da complexidade da composição. No caso, típico, de um antropomorfo montado que segura rédeas e empunha lança e escudo, são ao todo cinco figuras diferentes que entram para o inventário. Estes motivos compostos, que quase sempre envolvem figuras humanas, contabilizam actualmente 181 exemplares na região do Côa.

6. ÉPOCA HISTÓRICA

Com uma distribuição tão ampla quanto a da arte do Paleolítico Superior, estando presentes em 62

sítios até ao momento, as gravuras históricas na região do Côa são menos abundantes que as paleolíticas ou sidéricas, contabilizando-se 2407 figuras em 325 registos, ainda assim uma quantidade muito apreciável. A utilização da designação “Época Histórica” deve-se à dúvida se existem ou não gravuras de Época Medieval, uma possibilidade ainda não plenamente demonstrada. De resto, é evidente que a imensa maioria da iconografia deste período pertence à Época Moderna, bem datada pelo menos a partir do século XVII até meados do século XX, com um lote mais reduzido já contemporâneo, menos interessante (sobretudo composto por *graffiti* sem sentido), mas com um conjunto relevante associado à polémica do Côa.

Algo que caracteriza esta arte rupestre mais recente é a sua diversidade, temática e estilística, que estará relacionada, em grande medida, com a provável menor importância que a arte rupestre tem para a transmissão do imaginário simbólico das populações históricas, em contraste com o que passava em tempos anteriores, e que se nota numa menor rigidez canónica e maior liberdade individual. Ainda assim, é de notar a importância quantitativa da temática religiosa (cf. Reis & Marcos, 2022), mais ortodoxa, embora ainda com uma apreciável variedade temática e simbólica.

A Tabela 9 apresenta uma versão sintética do inventário figurativo de Época Histórica, com as principais categorias temáticas. Note-se, na categoria dos antropomorfos, que não estão incluídas as figuras humanas em representações de crucifixos, relativamente abundantes. São de relevar as representações cénicas familiares, maioritariamente tardias (séculos XIX/XX), frequentemente acompanhadas de figuras animais, com relevo para as aves (sobretudo pombas ou galináceos). De relevar também a originalidade das representações arquitectónicas, com edifícios diversos, incluindo casas, igrejas e até um castelo, ou as representações de veículos, maioritariamente barcos, dos quais há uma apreciável variedade, mas também com comboios, um avião e um automóvel, estes datáveis da primeira metade do século XX. Também interessantes são as abundantes representações de jogos de tabuleiro, todas incisas, geralmente de pequena dimensão e sempre em superfícies verticais, o que as torna impraticáveis do ponto de vista funcional. Os motivos abstractos são muito abundantes, embora não particularmente variados, ao contrário da categoria “Outros”, que

incluem corações, podomorfos, relógios, motivos florais, motivos solares, lunares ou estelares, rédeas, instrumentos agrícolas, representações heráldicas, representações de fogo, e até uma forca (devidamente preenchida com o respectivo antropomorfo).

7. NOVIDADES RECENTES NA ARTE DO CÔA

Há sempre alguma novidade a aparecer na região do Côa, maioritariamente em trabalhos de prospecção, mas também em escavação arqueológica, aqui com óbvio relevo para a identificação de duas novas rochas na Penascosa soterradas em sedimentos modernos (Aubry & *alii*, 2021; Santos, 2023, p. 101), ou para a plena revelação da rocha 9 do Fariseu, com uma extraordinária panóplia de figuras paleolíticas picotadas em relação estratigráfica com sedimentos paleolíticos, numa situação semelhante à da rocha 1 do mesmo sítio, e que incluem um gigantesco auroque (Aubry & *alii*, 2020).

A prospecção arqueológica é responsável pela maioria das novas descobertas de arte rupestre, que incluem o achado de uma placa de arte móvel paleolítica (Santos, 2023, p. 107). Não é possível individualizar todos os novos achados, mas pode-se rapidamente salientar alguns dos mais relevantes aparecidos mais recentemente (Figura 2).

Assim, para o Paleolítico Superior, e para além dos casos acima mencionados, merece relevo a descoberta de uma nova figura paleolítica gravada no sítio da Faia (Reis & *alii*, 2022), o qual se mantém como o único sítio de geologia granítica no mundo com arte parietal pleistocénica. Pode-se também destacar uma nova rocha com figuras Magdalenenses no sítio do Vale de José Esteves (rocha 80) ou, no sítio do Vale de João Esquerdo, a recente identificação em várias rochas de diversas minúsculas figuras zoomórficas incisas, datadas do final do Paleolítico Superior e de dimensão similar ou inferior a três centímetros, as quais, adicionando-se às que já eram conhecidas neste mesmo sítio, fazem deste “a capital dos polegarzinhos” na região do Côa, onde, na arte paleolítica, convivem o minúsculo e o gigantesco.

A maioria das mais importantes novidades na arte da Pré-história Recente têm surgido nos trabalhos do projecto de investigação atrás referido, e a sua divulgação ocorrerá, naturalmente, no âmbito das publicações previstas nesse projecto (ver Alves, Martins & Reis, 2023 – neste volume; Alves & Reis, no prelo). De resto, salienta-se a descoberta de um novo

sítio, Ribeira do Impariz, cuja rocha 1 ostenta uma figura ondulada picotada (serpentiforme?) sobreposta a um veado Tardiglaciário (Reis & Alves, 2023, p. 142). Muito diferente foi o achado de muitas novas rochas com covinhas no sítio dos Tambores, um achado original e relevante pela quantidade e pela distribuição espacial alargada com associação a sítios com ocupação pré-histórica.

Na Idade do Ferro, salienta-se particularmente a descoberta de abundantes sítios ao longo do Douro, sobretudo na margem direita, neste momento quase continuamente preenchida ao longo de 17 quilómetros. Um dos sítios que mais se destaca, com o peculiar nome de Vale do Esfola Cabras, tem ainda poucas rochas descobertas, mas exhibe algumas das mais icónicas figuras deste período na região, nomeadamente o guerreiro da rocha 4, ou muitos dos animais da vizinha rocha 3, entre os quais um extraordinário canídeo de corpo decorado, talvez lobo, e alguns estranhos animais que poderão ser ursos. Ainda no Douro, evidencia-se também a muito recente descoberta de um guerreiro armado com arco e flecha na rocha 2 do novo sítio das Pariças, a única manifestação inequívoca desta arma até ao momento conhecida na região.

Na Época Histórica pouco de relevante tem aparecido ultimamente. A iconografia mais interessante surgiu também nas Pariças, na rocha 3, com um amplo conjunto de belos cruciformes, decorados e alguns em posição tombada, associados a uma ave e duas figuras humanas, feminina e masculina, esta última provavelmente uma representação divina, numa original cena de evidente cariz religioso.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Lara Bacelar; MARTINS, Andrea; REIS, Mário (2023: neste volume) – Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa. In *IV Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Coimbra, 22-25 Novembro 2023*.

ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (no prelo) – Immersive narratives – contrasting styles and imagery making traditions in the Côa Valley post-glacial rock art. In *VII Congreso Internacional “El Arte de las Sociedades Prehistoricas”, Cuenca, 19-23 Octubre 2022*.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2020) – Fariseu, 20 Anos Depois: novidades da arte paleolítica do Côa. *Almadan Online*. Almada. 23.2, pp. 15-27.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2021) – Descoberta de duas novas rochas no Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa (Castelo Melhor/Almendra, Vila Nova de Foz Côa). In NALDINHO, Sandra; SILVINO, Tony, eds. – *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova de Foz Côa: Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, pp. 347-370.

BAPTISTA, António Martinho (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa – (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa/Centro Nacional de Arte Rupestre.

BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O paradigma perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de ar livre em Portugal*. Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento/Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, António Martinho; DIEZ, Marcos García (2002) – L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal): La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In SACCHI, Dominique, ed. – *L'art paléolithique à l'air libre: Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Etudes Préhistoriques, pp. 187-205.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1997) – Arte Rupestre. In ZILHÃO, João, ed. – *Arte rupestre e pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 213-406.

BAPTISTA, António Martinho; REIS, Mário (2008) – Prospecção da arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro portugueses: ponto da situação em Julho de 2006. In BEHRMANN, Rodrigo de Balbín, ed. – *Arte Prehistorico al aire libre en el Sur de Europa*. Salamanca: Junta de Castilla y León, pp. 145-192.

CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BATARDA, António (2021) – Trabalhos arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 23, pp. 103-110.

LUÍS, Luís (2023) – Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, pp. 181-265.

REIS, Mário (2011) – Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In RODRIGUES, Miguel Areosa; LIMA, Alexandra Cerveira; SANTOS, André Tomás, eds. – *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto: Caleidoscópio/Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123.

REIS, Mário (2012) – ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa. *Portvgalia*. Porto. 33, pp. 5-72.

REIS, Mário (2013) – ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (2ª parte). *Portvgalia*. Porto. 34, pp. 5-68.

REIS, Mário (2014) – ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (Conclusão). *Portvgalia*. Porto. 35, pp. 17-59.

REIS, Mário (2015) – Prospeção arqueológica e a evolução do inventário da arte rupestre do Côa. In LEE, Sangmog; BAPTISTA, António Martinho; FERNANDES, António Batarida, eds. – *Catálogo da exposição Arte Rupestre do Vale do Côa*: Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 115-148.

REIS, Mário (2021) – Palaeolithic art in Portugal and its zoomorphic figures. In SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara, eds. – *Animals in Prehistoric Art. The Euro-Mediterranean region and its surroundings [Arkeogazte 11]*. Vitoria-Gasteiz: Arkeogazte-K Editatua, pp. 19-46.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARVALHO, Bárbara; CAETANO, Vera; CARDOSO, João Muralha (2022) – Uma Nova Rocha Gravada do Paleolítico Superior no Sítio da Faia (Vale do Côa): ao ar livre e em ambiente granítico. *Almadan Online*. Almada. 25:1, pp. 9-16.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar (2023) – Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, pp. 117-180.

REIS, Mário; MARCOS, Carlos Vázquez (2022) – Pastores, moleiros e outras pessoas. Arte rupestre de tempos históricos em ambos os lados da fronteira. In AUBRY, Thierry; MORENO, José Javier Fernández; SANTOS, André Tomás; MAESO, Cristina Vega, eds. – *Catálogo da Exposição “Arte sem Limites. Côa & Siega Verde”*. Salamanca: Junta de Castilla y León/Fundação Côa Parque, pp. 146-157.

REIS, Mário; MARCOS, Carlos Vázquez (Em preparação) – El diablo en los trazos: arte rupestre de la Prehistoria Reciente en Arroyo de las Almas.

SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte Paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, Maria de Jesus, ed., – *1ª Mesa-Redonda Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*: 39-67. Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural, pp. 39-67.

SANTOS, André Tomás Pinto da Silva e Conceição (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Tese de Doutoramento policopiada. Porto: Universidade do Porto.

SANTOS, André Tomás (2023) – A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural. In CORREIA, Dalila; SANTOS, André Tomás, eds., – *Por este rio acima: a Arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em Homenagem a*

António Fernando Barbosa. Vila Nova de Foz Côa: Fundação Côa Parque, pp. 55-115.

SANTOS, André Tomás; AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; GARCÍA DIEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge Davide (2018) – O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: A arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova Foz Côa). *Portvgalia*. Porto. 39, pp. 5-96.

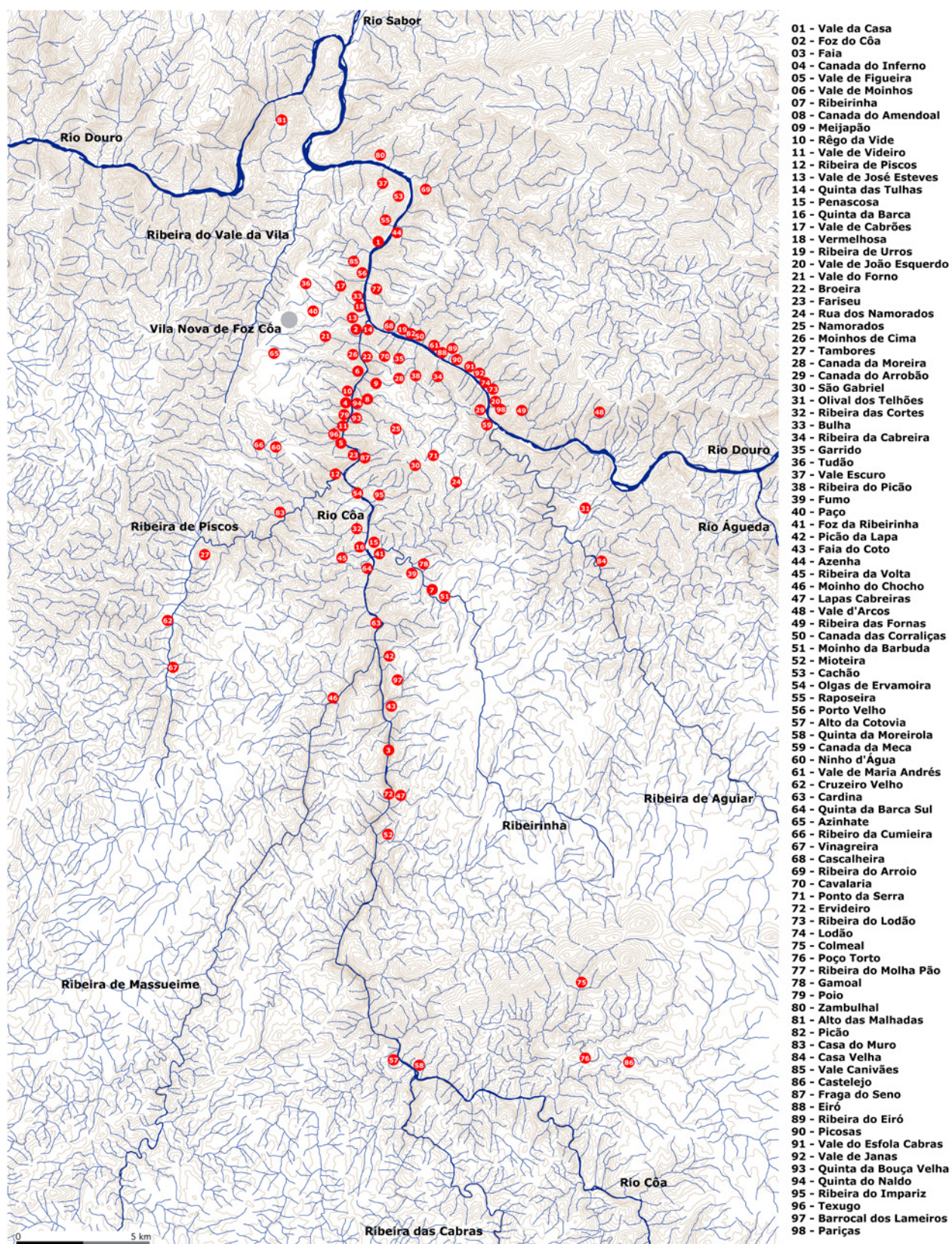


Figura 1 – Distribuição dos sítios da arte do Côa (cartografia adaptada a partir da Carta Corográfica de Portugal – escala 1:50,000, Instituto Geográfico e Cadastral, extractos das folhas 11-C, 11-D, 15-A, 15-B, 15-C, 15-D).

Sítios	Total Registos		Paleolítico Superior		Pré-História Recente		Idade do Ferro		Época Histórica		Indeterminado	
	Reg.	Motivos	Reg.	Motivos	Reg.	Motivos	Reg.	Motivos	Reg.	Motivos	Reg.	Motivos
Vale da Casa	30	643	2	4	13	360	12	144	5	110	6	25
Foz do Côa	200	1487	105	691	–	–	84	512	53	264	15	20
Faia	19	161	3	10	7	79	–	–	10	72	–	–
Canada do Inferno	46	679	39	399	7	19	–	–	10	239	–	22
Vale de Figueira	9	209	8	73	2	133	–	–	1	3	–	–
Vale de Moinhos	44	229	17	82	–	–	15	77	13	70	5	–
Ribeirinha	1	115	–	–	1	114	–	–	1	1	–	–
Canada do Amendoal	7	50	5	22	–	–	5	24	2	4	–	–
Meijapão	5	66	3	21	–	–	4	40	2	5	–	–
Rêgo da Vide	14	67	6	13	–	–	–	–	9	54	–	–
Vale de Videiro	3	18	1	1	2	17	–	–	–	–	–	–
Ribeira de Piscos	64	548	38	393	6	28	10	35	19	88	5	4
Vale de José Esteves	81	1178	44	525	–	–	42	618	10	30	5	5
Quinta das Tulhas	17	238	2	19	–	–	12	188	6	31	2	–
Penascosa	42	397	33	363	1	7	2	3	8	24	3	–
Quinta da Barca	61	467	46	341	3	6	–	–	6	119	8	1
Vale de Cabrões	101	773	41	161	2	6	56	450	33	151	4	5
Vermelhosa	26	317	13	146	–	–	15	168	3	3	3	–
Ribeira de Urros	13	231	4	8	–	–	9	101	6	121	–	1
Vale de João Esquerdo	28	413	11	153	–	–	16	254	3	4	1	2
Vale do Forno	96	749	40	133	–	–	51	420	23	195	9	1
Broeira	16	88	7	39	–	–	7	27	5	22	–	–
Fariseu	22	553	19	509	–	–	4	44	–	–	–	–
Rua dos Namorados	1	149	–	–	–	–	–	–	1	149	–	–
Namorados	8	45	–	–	3	34	1	2	2	8	2	1
Moinhos de Cima	27	195	8	33	–	–	15	142	7	19	3	1
Tambores	19	215	–	–	18	212	–	–	2	2	–	1
Canada da Moreira	39	375	5	18	–	–	33	328	5	26	5	3
Canada do Arroba	10	78	6	33	–	–	2	28	3	17	1	–
São Gabriel	4	7	–	–	4	7	–	–	–	–	–	–
Olival dos Telhões	1	5	–	–	–	–	1	5	–	–	–	–
Ribeira das Cortes	25	92	15	40	–	–	9	42	5	10	2	–
Bulha	46	360	18	48	–	–	29	277	9	34	2	1
Ribeira da Cabreira	14	175	3	11	1	35	10	81	3	48	–	–
Garrido	16	120	–	–	–	–	16	90	2	30	–	–
Tudão	4	508	4	70	–	–	1	438	–	–	–	–
Vale Escuro	15	70	10	46	–	–	6	20	1	2	1	2
Ribeira do Picão	10	82	1	1	–	–	7	70	3	9	2	2
Fumo	1	9	–	–	1	9	–	–	–	–	–	–
Paço	3	23	–	–	–	–	1	20	2	3	–	–
Foz da Ribeirinha	8	13	7	13	–	–	–	–	–	–	1	–
Picão da Lapa	1	2	–	–	–	–	–	–	1	2	–	–
Faia do Coto	3	6	–	–	–	–	–	–	3	6	–	–
Azenha	3	58	–	–	–	–	2	54	1	4	–	–
Ribeira da Volta	10	234	4	–	–	–	7	209	2	12	1	4
Moinho do Chocho	2	35	–	–	–	–	–	–	2	35	–	–
Lapas Cabreiras	2	187	1	1	1	186	–	–	–	–	–	–
Vale d'Arcos	2	13	1	1	1	12	–	–	–	–	–	–
Ribeira das Fornas	1	48	–	–	–	–	1	48	–	–	–	–
Canada das Corraliças	4	17	1	3	–	–	3	14	–	–	–	–
Moinho da Barbuda	2	12	–	–	–	–	–	–	2	12	–	–

Continua

Continuação

Mioteira	1	9	-	-	1	9	-	-	-	-	-	-
Cachão	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Olgas de Ervamoira	4	7	4	7	-	-	-	-	-	-	-	-
Raposeira	3	15	-	-	-	-	2	11	1	4	-	-
Porto Velho	4	34	2	8	-	-	2	19	1	7	-	-
Alto da Cotovia	6	26	5	24	-	-	-	-	2	2	-	-
Quinta da Moreirola	2	2	1	2	-	-	-	-	-	-	1	-
Canada da Meca	3	11	2	7	-	-	1	4	-	-	-	-
Ninho d'Água	1	3	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-
Vale de Maria Andrés	2	15	-	-	-	-	2	15	-	-	-	-
Cruzeiro Velho	1	6	-	-	1	6	-	-	-	-	-	-
Cardina	4	15	1	8	-	-	-	-	3	7	-	-
Quinta da Barca Sul	3	22	2	6	1	16	-	-	-	-	-	-
Azinhate	1	8	-	-	-	-	-	-	1	8	-	-
Ribeiro da Cumieira	3	6	1	1	-	-	-	-	1	4	1	1
Vinagreira	1	8	-	-	-	-	-	-	-	-	1	8
Cascalheira	31	383	7	22	1	1	21	317	5	43	3	-
Ribeira do Arroio	4	28	2	13	1	1	-	-	1	14	-	-
Cavalaria	8	106	-	-	1	9	6	44	2	53	-	-
Ponto da Serra	1	41	-	-	1	41	-	-	-	-	-	-
Ervideiro	3	76	-	-	2	65	-	-	1	11	-	-
Ribeira do Lodão	2	60	-	-	-	-	2	60	-	-	-	-
Lodão	3	17	1	5	-	-	3	12	-	-	-	-
Colmeal	4	109	-	-	4	75	-	-	1	34	-	-
Poço Torto	1	20	1	2	1	18	-	-	-	-	-	-
Ribeira do Molha Pão	2	6	1	-	-	-	1	4	1	2	-	-
Gamoal	1	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-
Poio	2	8	2	8	-	-	-	-	-	-	-	-
Zambulhal	3	16	-	-	-	-	1	6	3	10	-	-
Alto das Malhadas	4	34	-	-	3	31	-	-	-	-	1	3
Picão	4	9	-	-	-	-	3	6	1	3	-	-
Casa do Muro	14	81	8	11	-	-	3	8	7	62	-	-
Casa Velha	1	16	-	-	1	14	-	-	1	2	-	-
Vale Canivães	1	43	-	-	-	-	-	-	1	43	-	-
Castelejo	1	5	-	-	1	5	-	-	-	-	-	-
Fraga do Seno	8	38	6	16	1	3	2	13	1	6	-	-
Eiró	2	8	2	8	-	-	-	-	-	-	-	-
Ribeira do Eiró	8	249	2	2	-	-	7	231	2	16	-	-
Picosas	10	115	6	11	-	-	7	98	2	6	-	-
Vale do Esfolha Cabras	6	174	1	1	-	-	6	173	-	-	-	-
Vale de Janas	3	23	2	4	-	-	2	19	-	-	-	-
Quinta da Bouça Velha	4	7	1	1	-	-	1	2	2	4	-	-
Quinta do Naldo	2	3	1	1	-	-	1	2	-	-	-	-
Ribeira do Impariz	2	4	1	1	1	1	-	-	-	-	1	2
Texugo	1	5	-	-	1	5	-	-	-	-	-	-
Barrocal dos Lameiros	3	10	-	-	3	10	-	-	-	-	-	-
Pariças	4	95	1	15	-	-	4	52	1	28	-	-
Total Registos	1409		636		99		565		325		94	
Total Sítios	98		61		35		53		62		28	
Total Motivos	14787		4621		1575		6069		2407		115	

Tabela 1 – Relação dos 1409 registos da arte do Côa, em 98 sítios, e os respectivos motivos inventariados, discriminados por sítio e por período cronológico.

Sítios	OR	Paleolítico Superior	Pré-história Recente	Idade do Ferro	Época Histórica	Indeterminado
Vale da Casa	1	–	–	–	–	pedra
Foz do Côa	3	muro	–	–	casebre; muro	–
Vale de José Esteves	1	arte móvel	–	–	–	–
Penascosa	3	muro	–	–	moinho; calçada	–
Quinta da Barca	3	2 pedras	–	–	casa	–
Vale do Forno	1	–	–	–	casebre	–
Fariseu	1	arte móvel	–	–	–	–
Rua dos Namorados	1	–	–	–	muro	–
Namorados	1	–	–	–	casa	–
Olival dos Telhões	1	–	–	pedra	–	–
Tudão	2	2 muros	–	–	–	–
Paço	2	–	–	arte móvel	casebre	–
Moinho do Chocho	1	–	–	–	moinho	–
Lapas Cabreiras	1	arte móvel	–	–	–	–
Moinho da Barbuda	1	–	–	–	moinho	–
Cruzeiro Velho	1	–	estelas	–	–	–
Cardina	2	arte móvel	–	–	casebre	–
Quinta da Barca Sul	1	arte móvel	–	–	–	–
Azinhate	1	–	–	–	muro	–
Vinagreira	1	–	–	–	–	curral
Alto das Malhadas	1	–	–	–	–	arte móvel
Casa Velha	1	–	colmeal	–	colmeal	–
Barrocal dos Lameiros	1	–	pedra	–	–	–
Total	32	11	3	2	14	3

Tabela 2 – Relação dos 32 “Outros Registos” (OR) da arte do Côa, discriminados por sítios e por período cronológico.

Xisto: Formação da Desejosa	Xisto: Formação do Pinhão	Xisto: Formação do Rio Pinhão	Xisto: Formação da Excomungada	Granito	Quartzito
1143	146	25	9	46	8

Tabela 3 – Relação geológica dos 1377 afloramentos decorados da arte do Côa. Para os xistos, discriminam-se as quatro principais Formações presentes na região.

Vale da Casa	Foz do Côa	Canada do Inferno	Vale de Figueira	Vale de Moinhos	Rêgo da Vide	Vale de Videiro	Ribeira de Piscos	Quinta das Tulhas	Ribeira de Urros	Vale do Forno	Broeira	Fariseu
26	14	30	1	1	8	1	1	2	2	1	1	5

Tabela 4 – Relação dos registos da arte do Côa afectados pela albufeira do Pocinho.

	Figuras Antropomórficas	Quadrúpedes	Outros zoomorfos	Motivos solares	Motivos abstractos	Armas	Motivos indeterminados	Covinhas	Gravuras lineares
Arte Subnaturalista pintada (5 sítios; 9 rochas)	44	15	-	5	10	-	10	-	-
Arte Subnaturalista gravada (6 sítios; 14 rochas)	-	32	4	-	6	-	11	-	-
Arte Esquemática pintada (12 sítios; 16 rochas)	132	5	-	2	269	-	70	-	-
Arte Esquemática gravada (6 sítios; 12 rochas)	76	-	1	-	12	-	4	1	-
Outros / Indeterminado pintado (8 sítios; 11 rochas)	-	-	-	-	4	-	26	-	-
Outros / Indeterminado gravado (18 sítios; 49 registos)	3	-	1	-	8	3	14	318	499

Tabela 5 – Relação dos motivos paleolíticos da arte do Côa.

	Figuras Antropomórficas	Quadrúpedes	Outros zoomorfos	Motivos solares	Motivos abstractos	Armas	Motivos indeterminados	Covinhas	Gravuras lineares
Arte Subnaturalista pintada (5 sítios; 9 rochas)	44	15	-	5	10	-	10	-	-
Arte Subnaturalista gravada (6 sítios; 14 rochas)	-	32	4	-	6	-	11	-	-
Arte Esquemática pintada (12 sítios; 16 rochas)	132	5	-	2	269	-	70	-	-
Arte Esquemática gravada (6 sítios; 12 rochas)	76	-	1	-	12	-	4	1	-
Outros / Indeterminado pintado (8 sítios; 11 rochas)	-	-	-	-	4	-	26	-	-
Outros / Indeterminado gravado (18 sítios; 49 registos)	3	-	1	-	8	3	14	318	499

Tabela 6 – Relação dos motivos da Pré-história Recente da arte do Côa.

Antropomorfos	Zoomorfos	Armas	Inscrições	Rédeas	Motivos abstractos	Motivos indeterminados
276	1885	381	45	58	3038	386

Tabela 7 – Relação das principais categorias de motivos sidéricos da arte do Côa.

Antropomorfos				Zoomorfos						Armas						Motivos abstractos		
Cavaleiros	Guerreiros	Orantes	Outros	Cavalos	Cervídeos	Canídeos	Javalis	Quadrúpedes indeterminados	Outros	Lanças	Espadas	Punhais	Falcatas / Facas Afalcatadas	Escudos	Outras	Motivos simples	Motivos geométricos	Outros
98	60	18	100	921	431	112	19	367	35	222	10	12	39	28	70	1606	916	516

Tabela 8 – Relação mais detalhada das quatro principais categorias de motivos da Idade do Ferro da arte do Côa.

Antropomorfos	Zoomorfos	Armas	Motivos religiosos	Inscrições	Motivos arquitectónicos	Veículos	Jogos	Motivos abstractos	Outros	Covinhas	Afiadores	Motivos Indeterminados
167	116	136	447	365	13	24	57	792	126	45	26	93

Tabela 9 – Relação dos motivos de Época Histórica da arte do Côa.

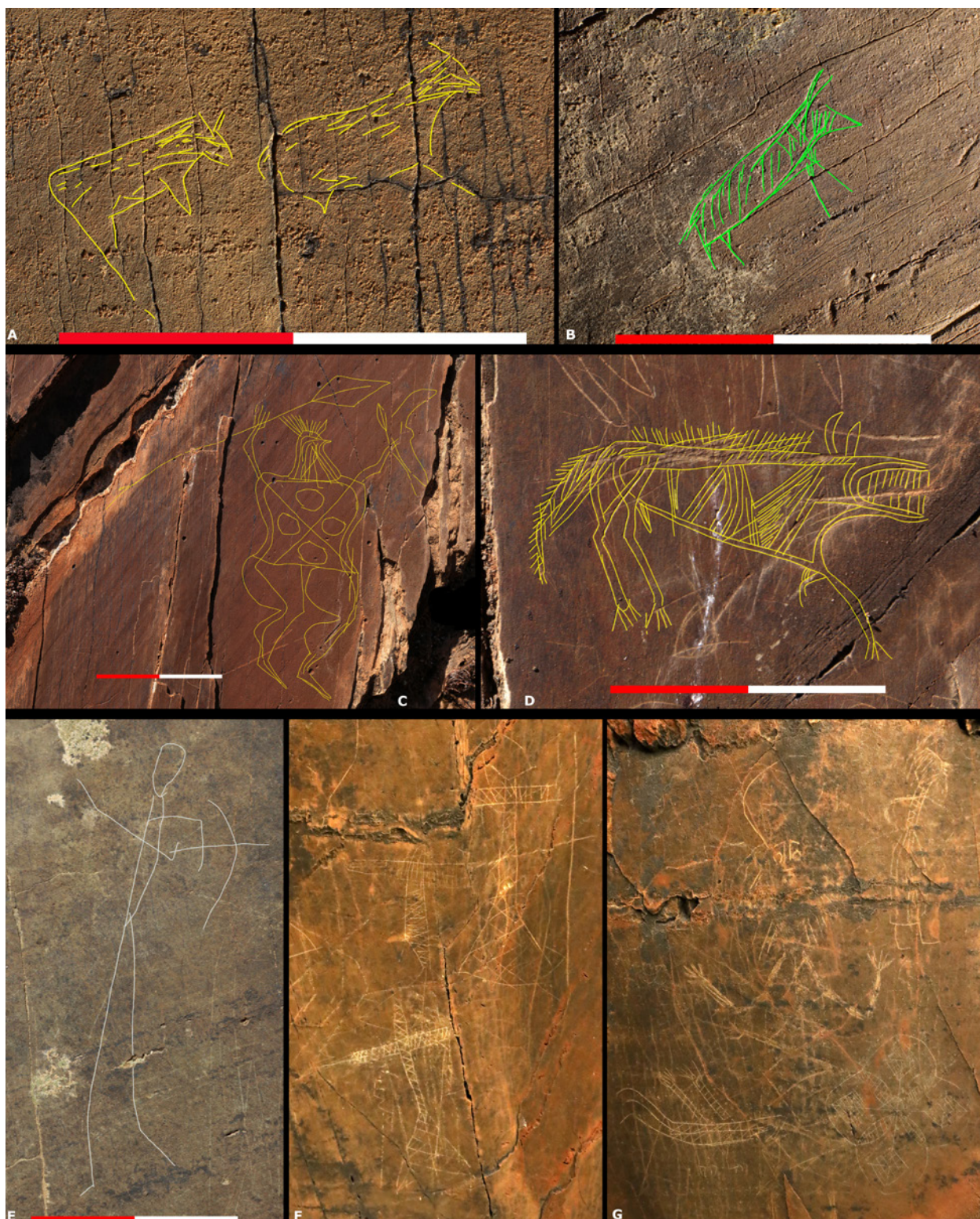


Figura 2 – Em cima, pequenas figuras zoomórficas Tardiglaciares no sítio do Vale de João Esquerdo: rocha 19 (A) e rocha 17 (B). A meio, figuras da Idade do Ferro no sítio do Vale do Esfolha Cabras: guerreiro da rocha 4 (C) e canídeo (lobo?) da rocha 3 (D). Em baixo, algumas figuras do sítio das Pariças: guerreiro com arco da Idade do Ferro na rocha 2 (E) e figuras religiosas modernas na rocha 3 (F, G). Todas as escalas medem 5 centímetros. Desenhos do autor, feitos sobre fotografia.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**